



LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES NO UNIVERSO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

LANGUAGE AND REPRESENTATION: CONSIDERATIONS IN THE SCIENCE UNIVERSE

Marilucy da Silva Ferreira ¹

Resumo: Apresenta discussão teórica sobre a linguagem, a metalinguagem e a metarrepresentação, bem como as palavras-chave e a sua função no campo da Ciência da Informação, pois, elas têm sido importantes aliadas para a representação de textos como os artigos de periódicos. O texto aborda conceitos de vários autores, buscando ratificar a importância de se debater esses conteúdos, em virtude de sua necessidade junto ao processo de representação e recuperação da informação. Vislumbrando o crescimento informacional e as novas formas de representar e recuperar conteúdos, os processos e instrumentos de representação e recuperação precisam se adequar conforme as necessidades de se obter informação.

Palavras-chave: Linguagem. Representação. Representação da informação. Metalinguagem. Metarrepresentação.

Abstract: *Presents a theoretical discussion about language, metalanguage and metarepresentation, as well as keywords and their role in the field of Information Science, since they have been important allies for the description of texts, such as journal articles. The text covers concepts of various authors, seeking to confirm the importance of debating the subject, due to the process of information's representation and content retrieval needs. Looking at the information growth and new ways of representation and retrieval, the processes and tools need to be adjusted according to the necessities.*

Key-words: *Language. Representation. Representation of information. Metalanguage. Meta representation.*

¹ Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco. Brasil. E-mail: maluzhubiblio@gmail.com



INTRODUÇÃO

Uma nova sociedade se apresenta criando, partilhando, fazendo releituras e intencionando distribuir informação, em muitas situações, sem um propósito financeiro, mas sim com a intenção de direcionar o outro ao conhecimento. A palavra é uma ferramenta poderosa nesta ação de compartilhamento informacional. É sobre a palavra que trata este artigo, mais especificamente da palavra como uma linguagem de representação, a qual pode beneficiar a representação e a difusão de matérias informacionais, como documentos científicos, livros, filmes, vídeos, tutoriais, entre outros conteúdos.

Assim, trataremos aqui sobre linguagem, metarrepresentação e metalinguagem e também palavras-chave. Esta última, sendo muito utilizada nos meios virtual e científico, resguarda a proposta de resumir conteúdos, seja para representar ou recuperar informação.

Os dias correntes têm requerido dos sistemas de informação uma linguagem que favoreça o processo de recuperação. Nesse sentido, as palavras-chave são necessárias não apenas no processo de representação, como também no processo de recuperação da informação.

As formas de publicação, disseminação, comunicação e recuperação da informação se alteraram com as diversas possibilidades ofertadas pelo mundo virtual. Assim, representar a informação tornou-se uma atividade mais complexa, tendo em vista que os sistemas automatizados conseguem realizar combinações e conexões simultâneas no processo de busca.

Nesse contexto, é importante pautarmos um debate sobre a linguagem, a metalinguagem e a metarrepresentação e também sobre as palavras-chave no campo da Ciência da Informação (CI), pois, elas têm sido importantes aliadas para a descrição sucinta de textos como os artigos de periódicos e conteúdos da web.

Este trabalho apresenta uma abordagem teórica dos supracitados temas, empreendendo-os junto a CI, buscando ratificar a importância do debate desses conteúdos, em virtude de sua necessidade junto ao processo de representação e recuperação da informação, estabelecendo a atinência quanto à linguagem, como um recurso moldado diante de contextos.

Assim, é a palavra-chave, a qual não sofre controle, que é pauta principal deste artigo, visto que ela é utilizada em artigos e trabalhos científicos e em conteúdos inseridos no meio virtual como uma linguagem que explica, traduz ou representa um conteúdo (artigo, foto, vídeo, música, objeto, etc.).

A importância do presente trabalho à área da CI é que as palavras-chave, sendo uma linguagem de representação, deve considerar o tempo presente e o objeto indexado alinhado a seu contexto.

A LINGUAGEM E A REPRESENTAÇÃO

A linguagem não se prende a normas estabelecidas. Ela é dinâmica e comprometida apenas com um regente: o tempo presente, o diálogo presente diariamente entre as pessoas – em olhares, gestos, silêncios, palavras. A linguagem é semântica, ela se vigora no sentido: de alguém com, ou para outro alguém, numa relação social, numa interação com o mundo.

Sobre nossos olhos o mundo apresenta-se composto por eventos naturais, seres e interpretações. Esta última característica é uma ação humana, ela só existe porque há intérpretes e representantes. A representação é, pois, uma ou, plurais leituras de um objeto ou fenômeno que configura o mundo, o qual se evidencia como o quadro inspirador do observador.

Sendo o mundo o quadro formado pelas representações, diante de cenários e realidades, os instrumentos para estas representações também se afirmam por critérios que dialogam com a realidade. Infere-se das interpretações e representações do mundo a dinâmica das coisas e estas são percepções recebidas seguindo associações, distinções e relações, que se inserem nos sinais, nas simbologias e nos signos, os quais, muitas vezes, estão inseridos no sentido da linguagem.

Da linguagem

Na dinâmica das coisas, ou da vida, ou da sua constante e mutável criação, uma linguagem é estabelecida e comunica vários diálogos e semânticas (biológicas, ecológicas, sociais, artificiais, sensitivas, criativas, reativas, adaptativas, etc.). Assim, é na linguagem, que todas as coisas se comunicam ou são comunicadas.



Martins (1998) pontua que a linguagem *é o segredo e a explicação do homem*.

A linguagem:

Por absurdo que pareça, é que vai permitir a invenção da mão: na mão e na linguagem está contida toda a história do homem. É o que dizia com grande agudeza Henri Beer no prefácio do conhecido livro de Vendryès (MARTINS, 1998, p.17)

A linguagem animal é natural, enquanto que a humana é artificial e convencional; os animais não variam sua linguagem e não são capazes de elaborar frases (VENDRYÈS, 1921). Para Schopenhauer (2010, p. 145) a voz dos animais tem por fim expressar vontades, enquanto que a voz humana serve para expressar o conhecimento.

De certo que também expressamos vontades, mas a voz, as palavras recrutam de nós mais que vontades; recrutam nossa capacidade comunicativa de dizer ou não alguma coisa, de contar o que se apreende ou se percebe pela observação da natureza, um fato ou evento social. Conforme Schopenhauer (2005), isso ocorre via linguagem. “Enquanto o animal comunica sua sensação e disposição por gestos e sons, o homem comunica seus pensamentos aos outros mediante a linguagem, ou os oculta por ela. A linguagem que é o primeiro produto e instrumento necessário da razão.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 83).

Concordamos com Schopenhauer (2005), no que tange à sua forma de delegar à linguagem todas as ações, acordos, contratos, criações, convenções, bem como os enlaces sociais forjados para atender interesses e manter situações de relações de poder:

Somente com a ajuda da linguagem a razão traz a bom termo suas mais importantes realizações, como a ação concordante de muitos indivíduos, a cooperação planejada de muitos milhares de pessoas, a civilização, o Estado, sem contar a ciência, a manutenção de experiências anteriores, a visão sumária de que é comum num conceito, a comunicação da verdade, a propagação do erro, o pensamento e a ficção, os dogmas e as superstições. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 83-84).

Tais ações propagam-se nos diversos contextos sociais, implicando na necessária atuação humana, sendo, portanto, a linguagem uma atividade racional, na qual são denotadas e conotadas, externadas ou silenciadas ações de comunicação.



Decerto que os animais são dotados de informações e se comunicam. Contudo, eles “não têm sinônimos não têm maneira de reordenar as coisas” (BRONOWSKI, 1986, p. 58).

Foucault (1999) escreve que, no contexto dos séculos XVII e XVIII, a linguagem era *um conhecimento*, e este, *de pleno direito, um discurso*, ou seja, não era apenas uma comunicação, mas uma comunicação – podemos arriscar – de teor ideológico. E mais, Foucault assevera que *só se podiam conhecer as coisas do mundo passando por ela* [pela linguagem] e, prossegue, vendo ela como “o primeiro esboço de uma ordem nas representações do mundo” (FOUCAULT, 1999, p. 409).

Isto se configura como uma afirmação coerente, visto que a linguagem comporta-se, nos seus usos, como uma ferramenta de domínio, de ações cerceadoras, de alienação, de criação de deuses, de nominação do mundo, de delimitação última e decisiva sobre uma vida, de persuasão. No século XIX, a linguagem torna-se, segundo Foucault (1999), *um objeto do conhecimento*.

Sob o lustre da cultura oriental, Roland Barthes, em *O império dos signos*, expõe que a dimensão ocidental não concebe de forma plena a linguagem dos signos como o fazem os orientais:

O que digo aqui do haicai poderia ser dito também de tudo que *advém* quando se viaja nesse país que aqui chamamos de Japão... Recensar esses acontecimentos seria uma empresa de Sísifo, pois eles só brilham no momento em que os *lemos*, na escrita viva da rua, e o ocidental não poderia dizê-los espontaneamente sem carregá-los com o próprio sentido de sua distância: seria necessário, precisamente, transformá-los em haicais, linguagem que nos é recusada. (BARTHES, 2007, p.106)

Ignorar que há um mundo de signos que se desdobra em diversas linguagens é a espada que está sobre nossa cabeça ocidental. Mas também, não é tão simples como a Chapeuzinho Amarelo², que transforma o *Lobo* em *Bolo*, numa brincadeira de formar palavras. O signo, bem como as palavras e seus significados, precisa de personagens plurais, do que é consuetudinário, onde todos admitam a validade do significado de alguma coisa.

² Livro infantil de autoria de Chico Buarque de Holanda.

Segundo McGarry (1999, p. 17), a linguagem é o veículo fundamental da comunicação humana. Quatro características da linguagem são ilustradas por McGarry (1999): a) Ela reflete a personalidade do indivíduo e também os valores culturais de uma sociedade. Por sua vez, molda tanto a personalidade quanto a cultura; b) Possibilita a criação, desenvolvimento e transmissão da cultura humana, a continuidade das sociedades, e o controle e a coesão dos grupos sociais; c) Influencia a percepção humana e as formas como encaramos a realidade; d) funciona como um sistema de ordenação ao armazenar a memória coletiva de seu próprio grupo linguístico e de outros.

Morin (1991, p. 146) defende que a linguagem é dotada de vida própria. Morin (1991) entende que a linguagem natural é a linguagem cultural, ou seja, ela se constrói nas práticas e vivências coletivas.

Para ele a linguagem vive, enquanto que as palavras, após nascerem, deslocarem-se, enobrecerem-se, perverterem-se e se degradarem, morrem. (MORIN, 1991). Há vida em toda linguagem, mas as palavras tendem a esmorecer, obsolescer, serem substituídas, esquecidas, deixando, então, a vida cotidiana, literária ou científica, dando espaço para novas palavras e expressões surgirem nas falas e nos registros.

A linguagem é um eixo humano. Eixo que acontece no universo das experiências. Conforme escreveu Wittgenstein (2002, citado por GRACIOSO E SALDANHA, 2010), o significado das expressões não depende dos falantes, mas pelas intenções são formadas e se tornam possíveis nos hábitos, práticas e instituições.

Nessa perspectiva, Gracioso e Saldanha (2010, p.27) lembram Wittgenstein (2002, p.14) quando este imprime que “os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem”. Quer dizer, só sabemos a partir do que nos fornece, nos provê nossa linguagem. Ela é “a grande tecnologia de preservação e acesso ao conhecimento.” (GRACIOSO e SALDANHA, 2010, p.119). Wittgenstein concebia a representação como um aspecto da linguagem (PINHO, 2006).

A linguagem, também tem limites e pode restringir nossas maneiras de representar. Ela, a linguagem, nos diz até onde podemos ir, ela aponta onde começa nosso limite. A linguagem, enquanto representação, arbitra em sua efetivação,



considerando que o representar reduz o todo de um pensamento ou realidade. Assim, ela “tende sempre a dizer muito pouco ou a dizer demais.” (CALVINO, 1993, p. 243).

Da representação

No âmbito da CI, a linguagem reveste-se de padrões e regras para a representação da informação. As Linguagens Documentárias formatam a forma de representação.

Representar nunca é mostrar o todo; é sempre dizer, registrar ou discursar sobre uma parte, uma perspectiva de algo inteiro. As representações das coisas existentes no mundo ilustram apenas algumas faces dessas coisas. Só o objeto em si, traz uma representação fidedigna de si mesmo.

Mas isso pode ser um discurso pouco válido, se lavarmos em conta que, a decisão sobre o significado de uma representação parte das pessoas, as quais se encontram atreladas aos seus contextos que muitas vezes direcionam suas interpretações. Entende-se, então, que os significados atribuídos aos objetos ou narrativas despontam de olhos com interesses e vontades comuns.

Schopenhauer (2005) assevera que o mundo nada mais é senão representação. Para ele, a existência do mundo depende de um olho que o veja e o represente. Segundo o autor, o mundo é absolutamente representação, e precisa, enquanto tal, “do sujeito que conhece como sustentáculo de sua existência.” (Schopenhauer, 2005, p. 75). A representação advém da necessidade de se ver o mundo, atribuindo a ele sentidos e significados sobre as coisas tangíveis e as entidades abstratas.

A linguagem pode representar, mas também pode ser um elemento limitador da representação. Por mais que queiramos chegar ao extremo da representação, esta possui limites (FOLLARI, 2000). Um documento, um objeto pode ser representado por muitas palavras, e vice-versa, mas essa riqueza sinonímica pode acarretar a múltipla representação que, por sua vez, pode interferir na recuperação informacional.

Pinto, Meunier e Silva Neto (2008) introduzem que o significado de representação ocorre desde os homens primitivos, e estes “buscavam possibilidades de comunicação através da criação de imagens ou ideogramas; assim como da escrita cuneiforme dos sumérios e dos hieróglifos produzidos no Antigo Egito” (PINTO;

MEUNIER; SILVA NETO, 2008, p. 17). Neste momento, entende-se que a representação servia como linguagem, comunicação.

A METARREPRESENTAÇÃO E A METALINGUAGEM

Representar requer uma combinação sígnica e acordos sociais que validem tal combinação; assim como pressupõe uma linguagem que traduza o que se está querendo dizer ou representar. No caso da metarrepresentação, o prefixo “meta” vai além de uma linguagem já construída socialmente e dita como natural.

Trata-se, pois, de uma linguagem artificial com um objetivo específico. Nesse sentido, ao evocar as questões relacionadas à metarrepresentação, deve-se considerar como parte primária os conceitos alusivos à metalinguagem.

Cunha e Cavalcanti (2008) colocam que a metalinguagem é uma linguagem natural empregada para se falar de uma língua ou para descrevê-la; linguagem intermediária. Concordamos com essa acepção, visto que uma linguagem que se sobrepõe à outra visando traduzi-la (traduzir esta outra) para fins específicos, constrói-se para, de diferente forma, sem pretensão de dizer-se outra coisa, falar daquilo que ela fez menção ou referência.

No caso das LD, durante o tratamento da informação para a descrição e tradução documental deve-se evitar a ambiguidade e a polissemia dos termos, visando maior objetividade e consistência na recuperação informacional.

Para García Gutierrez (1990), a construção de uma metalinguagem no âmbito da LD deve considerar três aspectos: 1) inventário dos metatermos utilizados, utilização e, em seu caso, correção ou unificação dos significados; 2) adoção, aproveitando o canal metodológico, desde a semântica, a Teoria do Discurso, a análise dos conteúdos, de especial interesse para a LD, quando coincidem conceitualmente; 3) criação de terminologia documental própria conforme se estabelece e expande o objeto de investigação. As LD precisam estabelecer limites e controle, no que concerne aos conceitos utilizados para trabalhar os conteúdos, respeitando seu contexto.

Voltando à metarrepresentação, encontra-se em Dodebei (2002, p. 33), uma sistemática acepção de representações no contexto da representação sensível:



representação conceitual; representação verbal; representação social; representação documentária.

Para a autora, a metarrepresentação é uma representação do conhecimento que pode ser entendida como “uma cadeia necessária de redução que se inicia com a concepção indo até a representação da representação, metarrepresentação ou representação documentária.” (DODEBEI, 2002, p. 33).

A metarrepresentação, então, existe para representar algo que já foi representado, que é coerente a um grupo, ou a todas as pessoas (dependendo do objeto, documento, conteúdo). Ela se propõe, portanto, a traduzir o conteúdo para um fim de descrição e recuperação, como ocorre com as PC.

PALAVRAS-CHAVE

A palavra é uma prática humana, que serve para representar a produção intelectual, mensagens, pensamentos ou conteúdos, com o objetivo de comunicar informações, transformando-as em acontecimentos, os quais permitem o desenvolvimento social. (FERREIRA, 2011).

O trânsito de ideias, pela palavra, registrada ou falada, no âmbito acadêmico, por exemplo, é muito importante para que o conhecimento seja disseminado, compartilhado e gere novas propostas em torno da vida social em suas diversas dimensões: sociais, culturais, ecológicas, econômicas, políticas, tecnológicas, etc. No caso científico, as palavras-chave, em trabalhos e em artigos científicos, aparecem como uma ferramenta de representação, a qual favorece, sucintamente, a compreensão sobre os assuntos que serão abordados em tais tipologias documentais.

Na acepção de dicionários especializados, como o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia de Cunha e Cavalcanti (2008, p. 274), a palavra-chave é definida como: “Palavra significativa encontrada no título de um documento, no resumo ou no texto. Essa palavra (ou grupo de palavras) caracteriza o conteúdo temático do item e é usada em catálogos e índices de assuntos”.

Para Granda Orive et al. (2005) as palavras-chave são um sintagma breve de linguagem natural, as quais são incluídas no tesouro que os documentalistas utilizam para classificação informacional. Neste caso, a palavra-chave aparece eleita no



universo restrito da classificação, não demonstrando, portanto, o seu fim – o qual se pauta na recuperação de conteúdos.

Hudon (2010) registra que as palavras nunca podem ser completamente isoladas de seu contexto, ou seja, o que ratifica o valor delas é a vigência do seu significado, pois, para o autor, as palavras não são passivas e neutras. Essa questão deve ser percebida pelo indexador, seja um profissional da informação ou um usuário comum que cria um conteúdo e o compartilha *online*, ou pesquisador que formata um trabalho científico.

No caso de uma indexação com palavras-chave em um conteúdo como um vídeo ou um texto na Web, podemos perceber que a palavra que representa determinado conteúdo não ignora a circunstância e seu papel no presente. Pensemos, por exemplo, em uma postagem que está tratando sobre design de óculos de grau. Observamos que não há uma indexação com a palavra-chave *picenez*, e nós também não iríamos requisitar tal palavra em nosso processo de busca, a não ser que quiséssimos fazer uma pesquisa sobre a história do referido objeto.

No que diz respeito ao conceito de palavras-chave, ressalta-se que estas ocorrem, durante uma atividade indexadora, de maneira a extrair do documento palavras de forma natural, o que é diferente da ação de representar com descritores, os quais, para Tomás-Casterá (2009), são termos unívocos, com controle e, ainda, normalizados e estruturados de forma hierárquica.

Seja a representação feita pela palavra-chave, seja ela realizada por descritores, o fim essencial é a recuperação da informação, para tanto, os descritores possuem como característica o controle de vocabulário:

É importante ressaltar a diferença entre palavra-chave e descritor. A primeira não obedece a nenhuma estrutura, é aleatória e retirada de textos de linguagem livre. Para uma palavra-chave tornar-se um descritor ela tem que passar por um rígido controle de sinônimos, significado e importância na árvore de um determinado assunto. (BRANDAU; MONTEIRO; BRAILE, 2005, p. 8).

Assim, indubitavelmente, selecionar palavras para representar conteúdos, ou mesmo indexar com descritores deve ser uma tarefa racional, onde o indexador esteja

consciente da sua ação; pois dela dependerá a chegada de uma informação a parte mais importante – o usuário.

Palavras-chave e Representação

No contexto da expansão, ou explosão documental, sistemas de organização e representação notacional, como a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal não suprem a demanda de busca e a necessidade de representação e de recuperação informacional, solicitando, então, mais que números, palavras.

Assim, a representação com palavras torna-se uma prática, principalmente nos dias atuais. Leia-se, diante disso, a etiquetagem (*tags*), no universo virtual, ou as palavras em nuvens, representando, segundo seu tamanho, a frequência que aparecem no site, blog, etc.

Kobashi (2007) escreve que, mais do que nunca, a informação é indexada por palavras (justapostas, relacionadas graficamente em mapas estáticos ou dinâmicos) que são também utilizadas para busca, ou seja, para indexar a pergunta do usuário. De acordo com a autora, não por acaso, o signo que interessa é a palavra denominativa, como os nomes e os sintagmas nominais ou, mais precisamente, as unidades polilexicais, as quais são unidades típicas das Linguagens documentárias. (KOBASHI, 2007).

Segundo Kobashi (2007) reconhece-se, ainda, que os campos de conhecimento se expressam por termos, unidades com significados especializados. Nesse contexto, o sentido do termo se especializa porque é determinado pelo sistema ao qual o termo pertence. (KOBASHI, 2007).

As PC, enquanto signos informacionais, documentário, sendo uma das formas de representação das LD, circunscreve-se num universo informacional regido por ideologias, seleções e tendências de termos. A análise e a construção dessas linguagens comportam abordagens, segundo visões políticas, ideológicas, teóricas e metodológicas (KOBASHI, 2007).

As PC trazem uma sucinta carga de informação ao se visualizar um documento científico em uma pesquisa. Elas são importantes nesse sentido, como representantes de conteúdos.



CONSIDERAÇÕES

Uma representação apóia-se em dois matizes: o tempo presente e o contexto. A partir disso, toda compreensão e interpretação de fenômenos, sejam físicos, bioquímicos, biológicos, orgânicos, ou sociais, são favorecidas e melhor elucidadas aos olhos do observador, pesquisador ou intérprete. Nesse sentido, a linguagem, concebida como entidade de representação, é um evento moldado atemporalmente, em virtude da mudança natural das coisas e das sociedades. .

A palavra é uma energia informacional mutável e estruturada de acordo com seu o tempo e o seu contexto. Trata-se de uma linguagem adaptativa, uma tecnologia de comunicação que se adéqua a realidades e cenários, tendo modificada sua estrutura e, muitas vezes, ainda seu conceito pode ser expandido.

Este trabalho trouxe algumas considerações e conceitos sobre os temas da linguagem, da representação, da metalinguagem e metarrepresentação e das palavras-chave. Os temas abordados não contemplaram algo que se pontua em alguns estudos da CI, que é a parte semântica no processo de recuperação com palavras. A proposta aqui foi apresentar abordagens sobre os temas já mencionados, considerando-os relevantes para a área da CI, reconhecendo-os como partes importantes para a evolução e o desenvolvimento de sistemas inteligentes para a representação e a recuperação de conteúdos informacionais.

Diante das pontuações dos autores acerca dos temas aqui tratados, ressaltamos a necessidade de se discutir mais esses assuntos, face às demandas no âmbito da representação e da recuperação informacional. Ambas pertencentes ao campo de estudo da CI. Vislumbrando o crescimento informacional, bem como novas formas de se representar e recuperar conteúdos, esses processos e instrumentos se fazem presentes e também precisam se ajustar conforme as necessidades de se obter informação.

O debate, portanto, não se finda neste artigo. Apenas reforçamos e retomamos questões e nuances sobre a representação da informação, as quais ainda pedem mais reflexão de ordem epistemológica e também focando experiências sobre as formas de sua aplicação e uso no contexto da informação.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. O incidente. In: _____. **O império dos signos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- BRANDAU, Ricardo; MONTEIRO, Rosangela; BRAILE, Domingo M. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **R. Bras. Circ. Cardiovasc.**, São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbccv/v20n1/v20n1a04.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2012.
- BRONOWSKI, Jacob. **Magia, ciência e civilização**. Lisboa: Ed. 70, 1986. 102 p. (Perspectivas do homem, 25).
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CINTRA, Ana Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002. 96p. (Coleção Palavra-chave, 4).
- CUNHA, Murilo B.; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos ; Lauro de Freitas: Livros, 2008. 451 p.
- DODEBEI, Vera Lúcia D. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2002. 119 p.
- FERREIRA, Marilucy da Silva. S. Recuperação da informação: uma breve análise da representação da informação em artigos científicos. In: _____. **Gestão da informação: preservação da memória**. Recife: NECTAR, 2011. p. 73-87.
- FOLLARI, Roberto. Sujeto, lenguaje y representacion. **Revista Estudios**, Mendoza, v.1, n.1 dez. 2000. ISSN 15157180. Disponível em: <<http://www.rafaelcastellano.com.ar/Biblioteca/ARTICULOS/SUJETO,%20LENGUAJE%20Y%20REPRESENTACION.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2012.
- FOUCAULT, Michel. Trabalho, vida, linguagem. In: _____. **As palavras e as coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 541 p. (Tópicos).
- GARCÍA GUTIERREZ, Antônio Luiz. **Estructura lingüística de la documentación: teoría y método**. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1990.
- GRACIOSO, Luciana de Souza; SALDANHA, Gustavo S. A caminho dos becos e travessas da Ciência da Informação. In: _____. **Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: da prática informacional à web prática**. Rio de Janeiro: O autor, 2010.
- GRACIOSO, Luciana de Souza; SALDANHA, Gustavo S. Um olhar sobre a Ciência da Informação sem informação. In: _____. **Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: da prática informacional à web prática**. Rio de Janeiro: O autor, 2010.
- Granda Orive et al. Las palabras clave como herramientas imprescindibles en las búsquedas bibliográficas. Análisis de las áreas del sistema respiratorio através de Archivos de Bronconeumología. **Archivos de Bronconeumología**, v. 41, n. 2, fev. 2005. Disponível em: <http://www.archbronconeumol.org/bronco/ctl_servlet?_f=60&ident=13070803>. Acesso em: 13 abr. 2012.
- HUDON, Michèle. The world through words. **The Indexer**. v. 28, n. 4, dec. 2010, p. 146-150.

KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **DataGramaZero**, Brasília, DF, v.8, n.6, dez. 2007. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/dez07/Art_01.htm >. Acesso em: 17 fev. 2012.

MARTINS, Wilson. Pré-história do livro. In: _____. **A palavra escrita: história do livro da imprensa e da biblioteca**. 3.ed. rev. e atual. il. São Paulo: Ática, 1998.

MCGARRY, Kevin. J. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília, DF: Briquet de Lemos; Lauro de Freitas: Livros, 1999.

MORIN, Edgar. **O método IV: as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Mira-Sintra: Europa-América, 1991. (Biblioteca Universitária, 63).

PINHO, Fábio de Assis. **Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol**. 2006, 123 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Disponível em:< http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/pinho_fa_me_mar.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2012.

PINTO, Virgínia Bentes; MEUNIER, Jean-Guy; SILVA NETO, Casemiro. A contribuição peirciana para a representação indexal de imagens visuais. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 25, p. 15-35, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1153/878> >. Acesso em: 08 mar. 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a linguagem e as palavras. In: _____. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. Do mundo como representação. In: _____. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

TOMAS-CASTERÁ, Vicente et al. **Descriptorios versus palabras clave sobre nutrición: aportación a la correcta indización**. *An Venez Nutr, Dic*, v. 22, n. 2, p. 90-94, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.org/ve/pdf/avn/v22n2/art06.pdf> >. Acesso em: 17 fev. 2012.

VENDRYÈS, Joseph. *Le langage: introduction linguistique à l'histoire*. Paris: La Renaissance du livre, 1921. (Nova ed. Paris: Albin Michel, 1968.)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico filosófico; Investigações filosóficas**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 2002.

Como citar este artigo:

FERREIRA, Marilucy da Silva. Linguagem e representação: considerações no universo da ciência da informação. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v. 11, n. 3, p.1-14, maio/ago. 2013. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>